

Os xiitas na transição iraquiana

Roberto Aliboni*

Em Abril, nos dias da peregrinação a Karbala, os xiitas deram à opinião pública mundial a impressão de serem uma força compacta, claramente antiamericana, sob uma forte direcção política por parte dos seus líderes religiosos. Na realidade, mesmo se na região nenhum xiita gosta da ocupação americana, é clara a existência de divergências sobre as relações a ter com os ocupantes, divergências que se intrecruzam com divisões ideológicas mais profundas sobre a polis islâmica que Khomeini edificou no Irão.

Para o futuro do Iraque e da região, a compreensão da divisão xiita é essencial – só assim será possível dar um qualquer apoio aos xiitas moderados no Iraque, retirá-lo aos extremistas iranianos e iraquianos e, indirectamente, apoiar os moderados contra os extremistas no Irão. Uma gestão errada desta questão pode, pelo contrário, dar espaço ao extremismo xiita, fazer naufragar os potenciais moderados do xiismo iraquiano, impedir a promoção de um regime liberal e democrático no país, favorecer a emergência de uma nova república e reforçar os extremistas iranianos, com consequências negativas para toda a região. No entanto, será difícil gerir directamente as relações com os xiitas – para que seja possível uma boa gestão da transição, o peso dos xiitas deve ser colocado numa perspectiva nacional mais ampla e redimensionado.

Vale a pena recordar sumariamente o papel xiita na política iraquiana¹, sobretudo a partir da altura em que adquiriram maior visibilidade, com a queda da monarquia em 1958 e o governo nacionalista filonasseriano de Abd al-Karim al-Qasim. O clero xiita começa

a estruturar uma posição e emerge a figura de Mohammed al-Baqir al-Sadr. Este organiza politicamente o clero, escreve alguns importantes livros de filosofia e economia, obtém de Muhsin al-Hakim, então autoridade máxima do xiismo iraquiano, uma interdição religiosa (*haram*) sobre o comunismo, e em

Todos criticam a presença americana e desejam a sua retirada, mas para alguns pode acabar por ser vista como um elemento útil ao estabelecimento de um novo regime político no Iraque, quanto mais não seja por desempenhar o papel de inimigo comum.

1960 funda o partido al-Dawa al-Islamiya (o apelo do Islão).

O xiismo iraquiano apresenta-se, no início dos anos 60, como um actor emergente, decidido a recuperar a sua identidade religiosa, anticomunista e antinacionalista. Em relação a partido Baas, que em 1968 aparece com um programa já não marxista mas marcadamente laico, manifesta uma oposição cada vez maior; que em 1974 e 1977 se traduzirá em revoltas, impiedosamente reprimidas. Com algumas concessões, Saddam Hussein procura ir ao encontro dos religiosos xiitas, mas encontra pouco apoio entre os dirigentes. Abd al-

Qasim al-Khoy, na época a autoridade máxima xiita, e Mohammed al-Baqir al-Sadr opõem-se com determinação ao regime. Al-Sadr decreta uma interdição religiosa sobre o partido Baas. Em 1979, uma tentativa de golpe de Estado é atribuída aos xiitas, seguindo-se a repressão. Entre 1974 e 1980, 75.000 xiitas são forçados ao exílio no Irão.

A repressão é constante, particularmente ao partido al-Dawa, que tem uma ala militar, e atinge o auge em 1980, com o assassinato de Mohammed al-Baqir al-Sadr e de outros membros da sua distinta família. A repressão intensifica-se com o nascimento da república islâmica khomeinista no Irão, que para o Baas constituiu uma perigosa influência para o xiismo iraquiano, e provoca uma cisão no al-Dawa entre uma ala pro-khomeinista e outra favorável ao mais moderado aya-tollah Shariat Madari.

Na guerra Irão-Iraque, os xiitas mantiveram-se leais a Bagdad, mas a oposição interna ao regime baas não esmoreceu. No final da guerra do Golfo, em 1991, os xiitas revoltaram-se, contando provavelmente com uma intervenção americana contra o regime, e foram novamente duramente reprimidos.

A guerra de 2003 contra o Iraque, liderada pela coligação anglo-americana, liberta os xiitas iraquianos da mão de ferro do Baas e faz emergir uma evolução xiita na qual a primeira fractura, dos finais dos anos 70, criada pela repressão do regime e pela revolução iraniana (a cisão no seio do al-Dawa) se revela profunda e diversificada, gerando uma situação cuja complexidade e riqueza surge agora aos olhos do mundo. O xiismo iraquiano reemerge com os mesmos nomes das mais prestigiadas famílias de imãs, mas com inéditas divisões internas em relação à evolução política e teológica, provocadas pela revolução iraniana.

* Vice-presidente, IAI, Roma

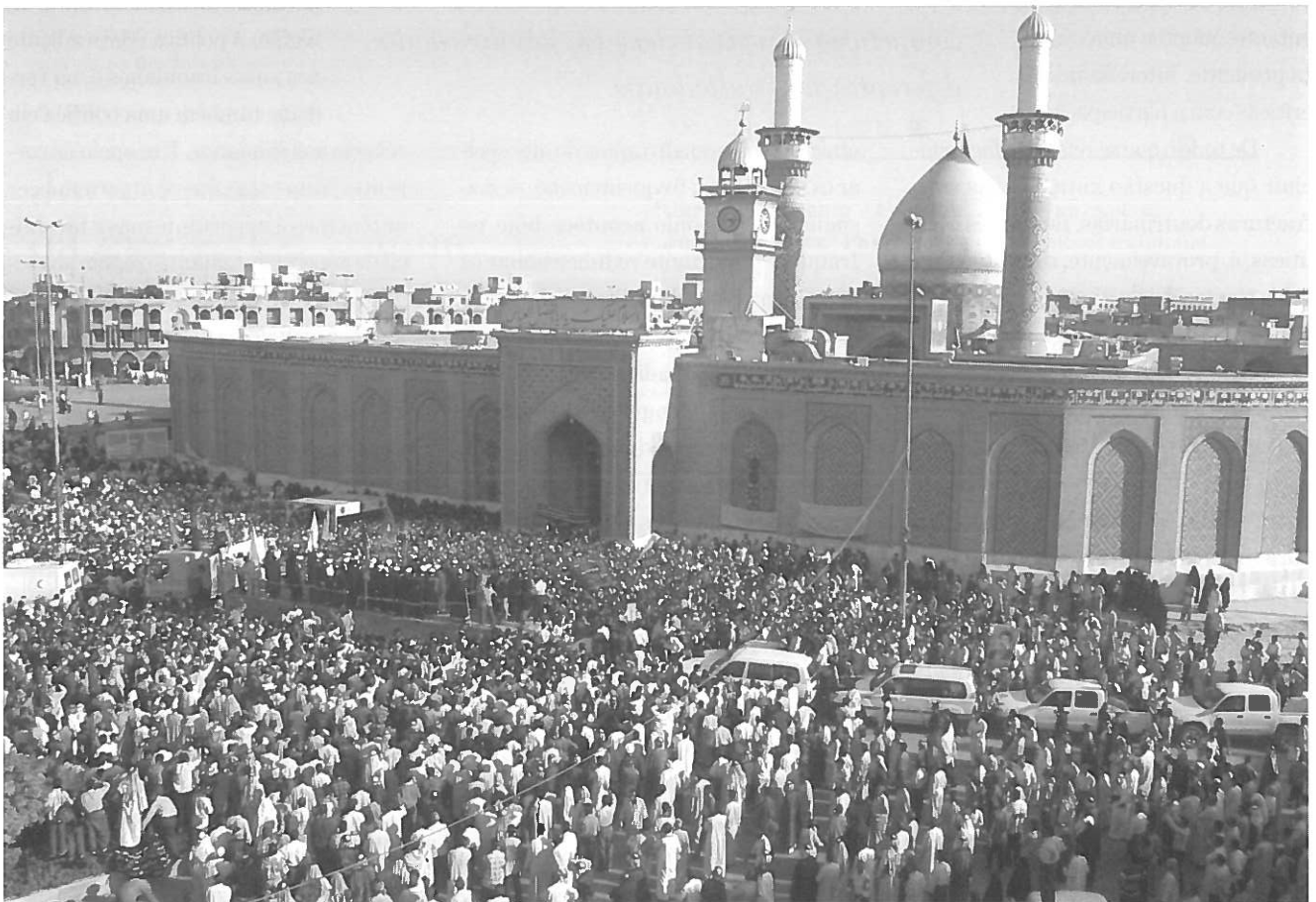
Com o regime tutelar anglo-americano, o xiismo iraquiano aparece dividido em três principais correntes. A primeira está ligada a al-Sadr; e é fortemente ortodoxa em termos religiosos, mas com tendências de autonomia em relação à hierarquia de Teerão. Parece essencialmente ligada ao al-Dawa. A segunda é liderada por al-Hakim, e a sua organização está muito ligada ao Irão. A corrente de Hakim participou, com o SCIRI (“Supreme Council of the Islamic Revolution in Iraq”, baseado em Teerão) no processo de oposição iraquiana fomentado pelos Estados Unidos. Ao SCIRI está ligada a Brigada Sadr, composta por refugiados iraquianos no Irão e treinada pelos pasdaran, a milícia da revolução iraniana. A terceira corrente parece mais relacionada com a família do grande ayatollah Abd al-Qasim

al-Khoi e do actual grande ayatollah de Najaf, Ali al-Sistani. Aparenta ser a mais moderada, mas também mais débil e fragmentada em termos de organização, sem braços político ou militar. Esta corrente parece ser a mais independente em relação à influência política e teológica iraniana.

A divisão mais importante passa pela posição face à instauração de uma república islâmica iraquiana, à semelhança do Irão. A resposta de al-Sistani, que é de origem iraniana, é muito provavelmente negativa: em 1992 concorreu com Ali Khamenei ao posto de Guia do Irão e perdeu, estando na linha dos grandes prelados xiitas que, começando em Shariat Madari, se opõem à doutrina khomeinista de “velayat e faqih” (a resposta do magistrado, reconhecido pelo clero como o mais esperto,

e que por si só tem legitimidade para guiar a república com a sua suprema capacidade para se assegurar da conformidade à lei islâmica). A resposta de al-Hakim e de al-Sadr é provavelmente positiva, mas com reservas mais ou menos importantes, especialmente da parte de al-Sadr; em relação ao fundamento teológico de uma república islâmica iraquiana, por referência à iraniana, e sobretudo acerca de independência política de Bagdad em relação a Teerão.

Todas as correntes religiosas pensam nalguma forma de primazia dos xiitas no regime político iraquiano. Este primado pode ser visto como resultado da posição maioritária dos xiitas no país, sem que tal comprometa os direitos e garantias dos outros, numa perspectiva, assim, substancialmente democrática e oposta à imposi-



O atentado em Najaf, que causou a morte a 82 pessoas, incluindo o principal líder político dos xiitas iraquianos, ameaça agravar a divisão entre as duas principais comunidades religiosas, os sunitas e os xiitas, aumentando ainda mais a desestabilização que se vive no interior do país.

ção de um regime homogeneizador como o do Irão.

Todos criticam a presença americana e desejam a sua retirada, mas para alguns pode acabar por ser vista como um elemento útil ao estabelecimento de um novo regime político no Iraque, quanto mais não seja por desempenhar o papel de inimigo comum. Alguns pensarão que o risco maior virá de uma acrescida influência do Irão, mais do que dos Estados Unidos. Outros ainda verão na presença americana um veículo de decadência moral e um risco mortal para a independência dos muçulmanos e das suas instituições políticas.

Para o SCIRI, a presença americana é um risco mortal do qual se quer rapidamente libertar; uma posição que reflecte também os sentimentos de Teerão. No entanto, adoptou uma conduta prudente, intercalando as críticas com a participação.

De tudo o que se referiu, é fácil concluir que a questão xiita, com as suas fracturas doutrinárias, familiares e políticas, é, provavelmente, a questão chave na transição iraquiana para um novo regime político. Os xiitas são maioritários no país e num regime democrático estão destinados a ter uma grande influência – que se pode exercer num contexto de moderação e democracia. De outra forma, a situação pode evoluir para uma guerra civil e para a fragmentação. Uma desintegração do país e eventuais conflitos civis criariam certamente graves tensões, incluindo a escalada para conflitos regionais.

Como conter ou orientar os xiitas na transição iraquiana? A nível interno, uma gestão directa dos conflitos e relações inter-xiitas não parece possível. Como, em geral, os movimentos ideológicos estão nas mãos de extremistas, qualquer tentativa americana de apoiar

abertamente os grupos moderados acabaria por ser um beijo de morte, e não beneficiaria nada nem ninguém. O caminho deve ser outro.

O antigo regime iraquiano usava a estrutura parental e social existente como sustentáculo do seu próprio poder², sem fazer caso aos danos causados ao país em termos de modernização política. É necessário um afastamento deste tipo de modelo, fazendo o Iraque transitar para uma situação de solidariedades políticas, ao menos tendencialmente, mais transversais. É preciso, assim, desvalorizar, na medida do possível, as pertenças sectárias, familiares e

É importante redimensionar os vários agrupamentos da sociedade iraquiana, a começar pelos xiitas, remetendo-os para um quadro institucional e político no qual a competição se faça com base em solidariedades diferentes das tradicionais.

étnicas. Neste quadro, mais do que apoiar os moderados, frequentemente demasiado débeis, como acontece hoje no Iraque, é importante redimensionar os vários agrupamentos da sociedade iraquiana, a começar pelos xiitas, remetendo-os para um quadro institucional e político no qual a competição se faça com base em solidariedades diferentes das tradicionais. Daí que seja importante a criação de instituições que não reflectam *a priori* as divisões tradicionais, ao contrário do que aconteceu em Mossul, onde o governo nomeado é um espelho fiel das supostamente “justas” proporções sectárias, étnicas e familiares. Somente num quadro de confronto com outras forças e com novas dinâmicas poderá o xiismo ser redimensionado e exprimir, como o fazia nos anos 50 e 60, personalidade com uma perspectiva política moderna.

Para facilitar a contenção do extremismo xiita é necessário, o mais rapida-

mente possível, atenuar e eliminar a crise social e económica provocada pela guerra. A existência desta crise facilita a mobilização xiita, a exemplo do que acontece com todas as organizações religiosas do Médio Oriente – ao ajudarem materialmente as populações, fazem com que se estabeleça nas consciências uma correlação inevitável entre a ajuda e a religião. A ajuda humanitária e, sobretudo, a reorganização do país, se forem céleres, contribuirão notavelmente para a diminuição das bases de apoio das organizações eleitorais e políticas do extremismo xiita.

Finalmente, a política em relação ao Irão é crucial para o futuro do Iraque. O Irão tem actualmente objectivos ainda confusos em relação ao Iraque, que vão da instauração de um república islâmica à defesa do país da penetração do Grande Satã na região. A política relativamente aos xiitas iraquianos é, na verdade, também uma política em relação aos iranianos. Um apoio às correntes xiitas que querem permanecer autónomas é importante mas é tão difícil de concretizar quanto o apoio aos seguidores do presidente Khatami. Também aqui, é vital evitar abraços mortais. Uma política mais agressiva em relação ao Irão, para além de poder criar novas fracturas, porventura mais profundas, na solidariedade ocidental, só perspectiva uma nova e ainda mais difícil guerra. Parece muito mais produtiva uma política de contenção que emita os sinais adequados, como o Secretário de Estado Colin Powell já fez em relação à Síria. Mas, se outras políticas são difíceis de prosseguir; esta via parece ser ainda mais árdua e problemática. ■

¹ Ver Biancamaria Scarcia Amoretti, *Sciiti nel mondo*, Jouvence, Roma, 1994, cap. III.

² Charles Tripp, *Political Recognition and Social Action*, “Items & Issues”, Social Science Research Council, New York, Vol. 4, No. 1, Winter 2002-03, pp. 9-15.